

# 'A Europa entrou NUMA CERTA ESCURIDÃO'

Em ano de prémios, Boaventura de Sousa Santos recebeu uma bolsa de 2,4 milhões de euros para estudar o Velho Continente. O sociólogo, que estudou em Berlim, doutorou-se nos EUA e viveu numa favela do Rio de Janeiro, diz que a Europa atravessa uma crise de identidade. As soluções, segundo ele, podem vir de lugares inesperados, como a Índia e o Brasil

Entrevista de RICARDO NABAIS Fotografias actuais de RAQUEL WISE

**É** SOCIÓLOGO, mas uma das realidades que estuda é a do mundo do rap. Até publicou um livro no Brasil, *Rap Global*, assinando Queni Oeste.

[risos] Está a ser musicado no Brasil por rappers das favelas. Usei como pseudónimo Queni Oeste, um aportuguesamento de Kanye West. Os brasileiros deixaram-se iludir e puseram Queni Oeste na ficha técnica. Muitos dos meus alunos são brasileiros e vão à livraria no Rio pedir o livro do 'prof Boaventura'. Dizem-lhes 'não, não, ele apenas escreveu o prefácio. O resto é de um indivíduo chamado Queni Oeste, do Barreiro'. Aliás, temos um programa na Universi-

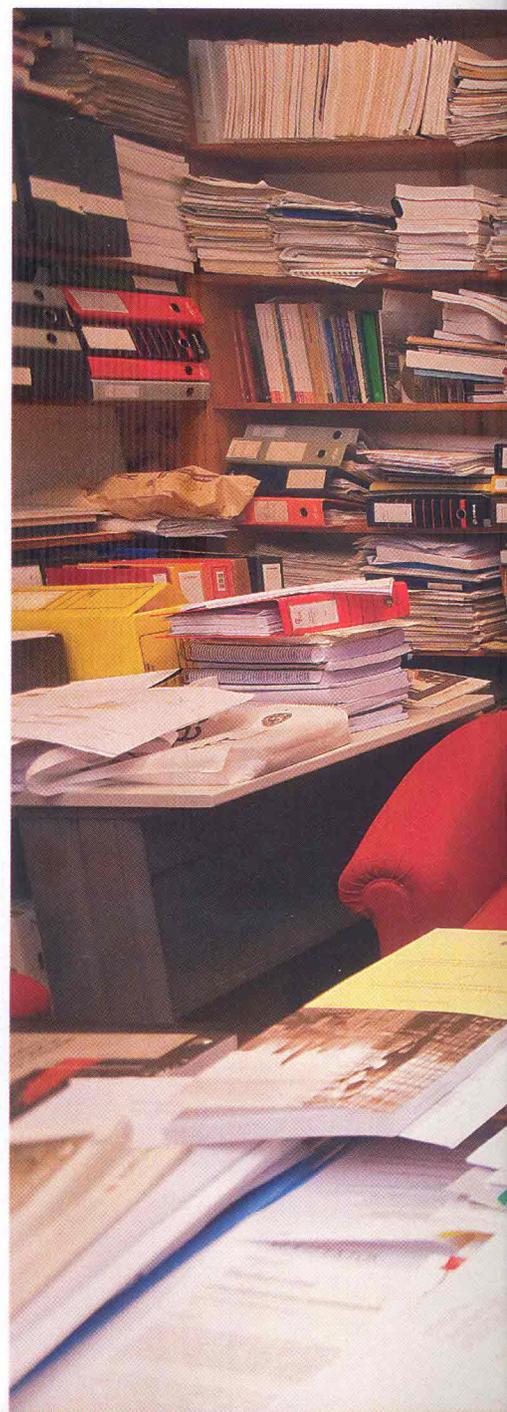
Temos um programa na Universidade de Madison para integrar jovens  
**ATRAVÉS DO  
RAP**

dade de Madison [Wisconsin, EUA] – onde agora também há muita agitação social – que é um modo de integrar os jovens das periferias da cidade na universidade através do rap. Isto tem tido um efeito integrador extraordinário.

**De onde é que lhe vem esse interesse?**

Fui dos primeiros a chamar a atenção para o papel da sociedade civil não organizada. Onde é que tenho vindo a assistir a formas não políticas em que a juventude

tem vindo a canalizar a sua criatividade? Uma delas é o rap, o hip hop, que é uma herança, se se quiser, das canções de protesto dos anos 60. É um fenómeno que tem uma raiz americana muito forte mas que depois passa para as periferias de todas as sociedades, até em África.



O meu filho Miguel foi para **BIOLOGIA, TEM DUPLA NACIONALIDADE** e está a fazer uma carreira brilhante na Califórnia

Eu vou pelo *rap* alternativo, que procurou articular outras formas de intervenção. E pergunto-me a mim mesmo como sociólogo se eu não tenho que me identificar e ver por dentro. Nessa tentativa de ir por dentro acabei por escrever *rap*.

**Por outro lado, tem uma família de ilustres em áreas muito diversas: é casado com Maria Irene Ramalho, na área da literatura, e tem os filhos, João e Miguel, em áreas científicas.**

Somos pessoas ligadas à área das ciências sociais e humanas, numa família que discutia muito as coisas e que deu dois biólogos, aliás ambos a trabalhar em cé-

lulas estaminais, um em Portugal, outro nos EUA. Mas a verdade é que ambos são também criadores literários. O João não só é um crítico de BD, profundo conhecedor, como escreve os argumentos e escreve romances. E o Miguel também já escreveu dois romances e está a escrever outro. Eles mantiveram também uma dimensão

literária. E nós aliás sempre acarinhámos essa diversidade.

**João até chegou a falar de um certo 'complexo do filho do Michael Jordan'. Por isso, quis ir para uma área completamente diferente dos pais.**

É natural, e com o Miguel foi a mesma coisa. Aliás, o Miguel seguiu muito o irmão e foi também para a biologia. Acabou por ficar nos →



EUA, tem dupla nacionalidade, e está a ter uma carreira brilhante na Universidade da Califórnia, em São Francisco.

**Tem uma carreira de investigador há décadas e este ano o reconhecimento chegou todo de uma vez: teve uma inflação global de prémios.**

Ao fim de muitos anos de trabalho aparece, de facto, uma convergência de prémios. Para mim, o mais importante foi aquela bolsa de investigação que recebi do European Research Council para os próximos cinco anos e que realmente é de um montante bastante avultado, dois milhões e quatrocentos mil euros, para realizar pesquisa na Europa e fora da Europa.

**Mas o mais recente foi norte-americano.**

Sim. Da Associação Norte-Americana de Direito e Sociedade, a mais prestigiada nesta área de estudos e que atribui um prémio por trabalhos realizados nas últimas décadas. Nem sei se não terei sido o pri-

## Trabalhei na favela do Jacarezinho, no Rio, onde tem andado a haver **MUITA CONFUSÃO**

meiro estrangeiro a recebê-lo. É uma satisfação muito grande para mim, até pela justificação do prémio – um texto muito bonito que eu não divulguei na comunicação social porque até era um bocado embaraçoso. Enfim, conhecem-me desde que fiz a minha tese de doutoramento na Universidade de Yale e que foi

sobre o direito das favelas. Vivi durante um tempo numa favela do Rio de Janeiro. E isso lançou toda uma corrente de estudos muito marcantes na área da sociologia do direito. Mas o prémio foi também pelos meus trabalhos sobre os tribunais e a Justiça, não só cá, mas na Colômbia, no Equador, em Moçambique, e agora em Angola. Esse trabalho foi sendo publicado em inglês, às vezes até mais do que em português.

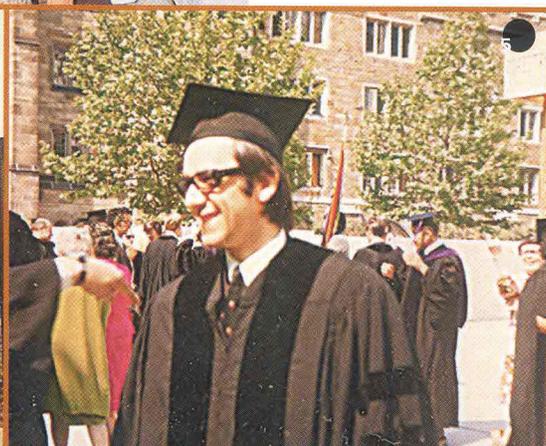
**Também foi premiado no México.**

Esse prémio, de Ciência e Tecnologia, foi ainda mais surpreendente, porque quando se fala do espaço ibero-americano e sobretudo nessas áreas, raramente se inclui Portugal. Fui o primeiro português. Felizmente sou conhecido deles há muitos anos e eles reviram-se, de alguma maneira, nesse prémio também. Em Portugal as coisas às vezes são mais complicadas. Não é que me queixe, em 1996 ganhei o prémio Gulbenkian de Ciência. É sempre bom ser-se reconhecido no estrangeiro, por

gente que só conhece o nosso trabalho, que não é movida por invejas e pela pequenez que por vezes se transformam em insultos.

**Quando começou esse trabalho de campo numa favela brasileira?**

Em 1970. Obtive o doutoramento em 1973.



1. Formatura em Direito, Coimbra, 1963
2. Aos três anos de idade, com os pais
3. Em trabalho de campo, Macau, 1990
4. Chegada a Nova Iorque, 1969
5. Na cerimónia do doutoramento, na Universidade de Yale (EUA), 1973

## Bilhete de identidade **REBELDE COM CAUSAS**

O que dizer de um sociólogo, emérito professor universitário na tradicional Coimbra e nos EUA, quando escreve estas palavras: «há quanto tempo/meteste a raiva/no tupperware/na conta da mercearia/complica porra»? Dizemos que são coerentes com o percurso de uma vida. Boaventura de Sousa Santos (Coimbra, 15 de Novembro de 1940), investigador na área da sociologia há 40 anos, é uma das vozes mais dissonantes do *status quo* sócio-político-económico actual. As palavras citadas são de um livro com poemas para *rap* da sua autoria, publicados no Brasil sob o título *Rap Global*. Mas Boaventura tem-se dedicado, em diversas áreas da sua disciplina, ao estudo da dinâmica dos grupos em democracia, com especial interesse pela voz dos excluídos. Publicou diversos ensaios sobre a realidade portuguesa e internacional, mas tem-se debruçado sobretudo na dinâmica social dos países do Hemisfério Sul. Formado em Coimbra e doutorado em Yale (EUA), recebeu vários prémios internacionais, e vai dedicar os próximos cinco anos a pesquisas na Europa com uma bolsa do European Research Council. A família é de ilustres: é casado com Maria Irene Ramalho, especialista em Literatura, e é pai de João e Miguel Ramalho Santos, biólogos com incursões literárias.

Licenciei-me em Direito (na altura não havia Ciências Sociais) aqui em Coimbra, fui para a Alemanha (estive em Berlim Ocidental durante quase dois anos) estudar Filosofia do Direito, depois voltei para Coimbra e fiquei aqui como assistente na Faculdade de Direito. Em 1969 fui para os EUA fazer o doutoramento. E foi aí que fiz a minha mudança para a sociologia e estive uns quatro anos na Universidade de Yale. Nessa altura promovia-se muito o trabalho fora dos EUA,



sobretudo a quem tivesse o domínio das línguas e eu tinha, neste caso, um domínio bom na América Latina.

#### **Já conhecia essa realidade?**

O facto de ser português levava-me a poder trabalhar no Brasil. Por outro lado, os meus dois avós, quer o materno, quer o paterno, tinham sido trabalhadores operários emigrantes no Brasil. Desde pequeno eu ouvia as histórias de lá. Então escolhi, já com alguma intenção de como eu via as ciências sociais: no sentido de as aproximar das populações e não ter uma análise fria – racional sim, mas na vertente quente da razão, sem perdermos a objectividade, que nos vai mostrando que a nossa ciência está ao serviço da justiça social, da cidadania, do aprofundamento democrático.

#### **Qual era a favela?**

A do Jacarezinho, uma grande favela na Zona Norte do Rio, com 60 mil habitantes na altura. É exactamente onde agora tem andado a haver muita confusão, além do

Complexo do Alemão, que é ali perto. Chamei a esse trabalho [publicado em 1980] **Notas sobre a história jurídico-social de Pasárgada**. A Pasárgada é o nome fictício de um lugar paradisíaco de um poema de Manuel Bandeira. A razão pela qual eu lhe dei este título é que isto era no tempo da ditadura no Brasil e muita da informação que eu tinha podia causar alguns problemas às pessoas com quem tinha trabalhado na favela. Só muitos anos mais tarde é que eu revelei o nome real da favela.

#### **Na altura ainda não havia um imaginário ligado à favela como há hoje.**

Não. Havia uma zona perigosa dentro da favela onde estavam a viver, fugidos da polícia, criminosos ou pretensos criminosos, que nunca tinham ido a julgamento, autores de crimes que tinham sido alvos de denúncias pelo esquadrão da morte,

que eram extremamente activos nessa altura e faziam chacinas extrajudiciais. O meu trabalho era de observação participante, não andava com um gravador a fazer entrevistas, a ideia era viver a vida, conhecer a ordem jurídica interna, quem dava as ordens, quem as cumpria, o que acontecia quando não eram cumpridas, tudo à margem da lei oficial do Brasil. Estive lá há pouco tempo e, claro, o cenário é totalmente outro. Neste momento há enfrentamentos policiais muito fortes, e o problema das favelas do Rio continua a ser muito compli-

cado para o Estado, sobretudo porque se aproximam os grandes eventos internacionais, como os Jogos Olímpicos e o Mundial.

**Costuma estudar também movimentos de insurreição política. Há qualquer coisa estranha neste fenómeno do →**

**Não estou com medo do extremismo árabe. Temo o EXTREMISMO OCIDENTAL**

**mundo árabe. Parece ser algo mais do que um desejo enorme de democracia. Não há uma razão económica muito forte de que ninguém está a falar?**

Acho que sim, obviamente, sobretudo nos casos da Tunísia e do Egito. O caso da Líbia é mais complicado. Mas a Tunísia e o Egito foram países em que o modelo neoliberal os tornou muito dependentes da economia europeia e em que o sector de exportação, sobretudo dos produtos tradicionais, como o têxtil no caso do Egito, teve uma crise de reivindicações salariais há três anos. Inicialmente estas reivindicações foram severamente reprimidas. Mas claro, os meios de comunicação ocidentais não deram nenhuma atenção a este fermento de revolta.

**A revolta alargou-se depois a toda a população.**

Depois há realmente um momento que é o grande *puzzle* para os cientistas sociais. São sobretudo os jovens não organizados politicamente que se organizam e assumem posições políticas. Isto vem de alguma maneira baralhar todas as nossas teorias, porque elas foram construídas na base dos cidadãos que estão organizados. Deixou-se de fora a grande maioria, sempre com a ideia de que não estão interessados na militância política, e que são, portanto, gerações perdidas. O que estamos a verificar é que não é assim.

**Ao mesmo tempo, as revoltas no Egito geram medo. Afinal, foi o país que gerou vários grupos radicais, além de se dizer que é o país que deu fundamento teórico à al-Qaeda. Não existe a hipótese de termos mais uma, ou várias, situações como o Irão naquela zona?**

Agradeço a pergunta, porque me permite dar uma resposta que vai muito em contracorrente. Não estou com medo do extremismo árabe. Estou com medo do extremismo ocidental. Porquê? Porque nós temos experiências trágicas nas últimas décadas de como o Ocidente, entendendo por isto a Europa e os EUA, sendo campeões da democracia, não o são verdadeiramente. Aceitam-na apenas na medida em que os resultados democráticos são favoráveis aos seus interesses. É capaz de ter as alianças mais íntimas com ditadores com pouca atenção às violações dos direitos humanos.

**Por exemplo?**

Em 1991, a Frente de Salvação Islâmica ganhou as eleições na Argélia. As eleições foram

## OS EUA TÊM ALIANÇAS COM DITADORES

e só aceitam os resultados democráticos que servem os seus interesses





anuladas pelos próprios argelinos, mas com grande regozijo ocidental, precisamente porque eram extremistas. Nos anos seguintes 100 mil foram mortos. Em 2006 o Hamas ganhou livremente as eleições nos territórios palestinos. O Ocidente decidiu não reconhecer essas eleições. Temos um campo de concentração na Faixa de Gaza neste momento. O Ocidente não tem sabido lidar de maneira nenhuma com o mundo oriental e com o mundo árabe, pela defesa de uma política agressiva de Israel. O crime contra os judeus foi hediondo e ocorreu na Europa e de alguma maneira, se calhar, era aqui dentro da Europa que Israel deveria estar. Como, aliás, no início se pensou, mas ninguém da Europa queria os judeus e no fundo foi o colonialismo que ainda permitiu que eles se sediassem ali. Por outro lado, há a questão do petróleo.

**As redes sociais estão na berlinda. Há também o WikiLeaks este ano...**

Houve aqui um engenho inovador de organização. Pela primeira vez, penso eu, as novas tecnologias de informação e de comunicação são postas ao serviço de uma transformação social. Tínhamos tido esse anúncio logo no início do ano, de alguma maneira premonitório, com o WikiLeaks, que é um movimento de informação em si mesmo e que pode ser utilizado pelos governos, como pode ser utilizado pelos movimentos sociais. Mas já tinha mostrado o potencial destas tecnologias para uma maior transparência do poder e, portanto, para eventuais transformações.

**Mas não há algo de perverso no modo como a informação têm sido divulgada?**

A informação do Wikileaks foi dada aos grandes meios de comunicação social, que têm as suas agendas, e portanto não divulgaram tudo o que receberam, nem de longe nem de perto. Vemos que o que saiu no *Le Monde*, no *El País* ou no *New York Times* correspondia às agendas próprias dos países que foram buscar aquilo que era importante. Só isso é que explica, por exemplo, que o *El País* tivesse dado prioridade às possíveis intrigas ou dissensões entre Lula e Chávez ou entre o Equador e a Bolívia, porque, claro, as empresas e a opinião pública espanholas estavam interessadas em criar fracturas naquele campo da América Latina. Muitas outras coisas passaram despercebidas...

**Também tem sido um participante activo no Fórum Social Mundial (FSM) desde a primeira edição, em Porto Alegre, em 2001. O FSM**

**teve cobertura nas duas primeiras edições, mas depois os *media* calaram-se. Já ninguém sabe que ainda se realiza, muito menos que é realizado pela terceira vez em África, em Dacar.**

Sendo uma das pessoas que estiveram no FSM desde a primeira hora, não tenho essa perspectiva. O que acontece é que foi uma novidade quando surgiu, precisamente pela simetria da sua organização em relação ao Fórum Económico Mundial, que se organiza em Davos, na Suíça. Na terceira edição, o FSM já não era novidade e passou a ser notícia pelas más razões. Tivemos uma excelente organização, mas depois, porque José Bové [agricultor e activista antiglobalização] e o Movimento dos Sem Terra destruíram umas plantações de milho transgénico, fomos considerados anarquistas, e que estávamos a destruir a agricultura, etc. Depois deixou mesmo de ser notícia.

**A ideia que as pessoas têm da iniciativa é a de uma reunião de *freaks* que serviu de fermento para a subida do PT ao poder no Brasil e depois morreu porque as propostas eram todas absurdas.**

Mas o impacto do FSM não se pode medir por aí. Sabemos que os meios de comunicação de massas têm hoje estratégias insondáveis, há interesses económicos por detrás dessa informação. O impacto tem de se medir a outro nível. Embora não se façam essas análises, o FSM teve um papel extraordinário no aumento do conhecimento entre os movimentos sociais. Nós não tínhamos movimentos sociais que se organizassem fora das suas fronteiras. O que é o movimento indígena hoje na América Latina, que transformou a política na Bolívia, no Equador e noutros países? E pode vir a transformar no Peru em breve. Ele só foi possível devido ao FSM, que permitiu alianças continentais que depois tiveram um impacto decisivo.

**E foi essencial no Brasil.**

Também não podemos explicar a subida ao poder dos governos progressistas na América Latina sem o FSM. Não é apenas Lula, mas Fernando Lugo, do Paraguai, que veio de camioneta de Assunção para o FSM porque não tinha dinheiro para o avião... Tal como José Mujica, no Uruguai, Rafael Correa no Equador, Evo Morales na Bolívia. Chávez já estava no poder. Mas hoje a América Latina é um continente que está a oferecer algumas alternativas à ➔

## O *El País* deu prioridade às intrigas entre Lula e Chaves. Havia interesse em criar **FRACTURAS**

social-democracia. É exactamente o oposto ao que temos na Europa.

### **E que políticas alternativas propõe o FSM?**

Fiquei espantado, agora em Dacar, por ver tantos movimentos, sobretudo de mulheres. A ideia que não temos no Ocidente é que as mulheres têm um papel económico fundamental na família e na agricultura em África. Não são as mulheres dos movimentos feministas do Norte que estão muito interessadas em direitos reprodutivos ou no feminismo típico das classes médias europeias ou norte-americanas. Têm outras agendas. Têm naturalmente as lutas contra a violência doméstica, contra a discriminação, a mutilação genital. Mas também estão muito envolvidas na luta contra as sementes transgénicas, contra fundos financeiros que estão neste momento a comprar larguíssimas porções de terra em África – como fazem, aliás, na Europa Oriental e na Índia – porque são formas de especulação que destroem a agricultura familiar. Estão ainda na luta do microcrédito. Tudo isto é o fermento do FSM, só que na comunicação social *'good news is bad news'*.

**Mas todo esse mundo de propostas alternativas que está a descrever parece invisível para a opinião pública europeia. Os europeus em geral não estarão fechados sobre si próprios, a pensar na cura para a sua crise?**

Acho que é um pouco mais complexo do que isso. A visão dominante é essa. A Europa tem uma relação com o mundo que ainda é neocolonial. A Europa, há cinco séculos, foi ensinando ao mundo a sua missão civilizadora. O colonialismo foi a expressão mais forte disso, com todas as violências que acarretou, e isto criou a ideia de que a Europa ensina e não tem nada a aprender com o mundo. Por isso, é muito reactiva a todas estas novidades e muitas vezes é apanhada de surpresa. Há, no entanto, uma inquietação. Por enquanto ainda é embrionária.

### **Uma inquietação?**

Um exemplo significativo é o projecto desta bolsa de investigação que me atribuíram para os próximos cinco anos. Chama-se Espelhos Estranhos, Lições Inesperadas. Penso que há cinco anos este projecto nunca seria aprovado. Hoje foi aprovado e ainda por cima bem financiado. Há uma certa inquietação, porque os países que foram colónias da Europa, ou que não foram mas estiveram sujeitos à Europa, nomeadamente a China, são hoje países a que nós chamamos emergentes. Chamamos-lhes assim apenas porque temos muito pouco



## **A UE deixou cair os produtos tradicionais em troca de vender MAIS AVIÕES E CARROS ALEMÃES**

respeito pelas histórias milenares que muitos deles tinham antes de os europeus chegarem. São hoje países que pagam a dívida soberana da Europa e dos EUA. E têm hoje inovações em muitas áreas que são estranhas à Europa.

### **Que áreas?**

A Europa afirma-se como a origem prática e

política das teorias democráticas, e por isso não tem lições a receber do mundo em termos de democracia. A verdade é que, predominantemente, teve apenas uma forma de democracia que foi a democracia representativa, que apresenta sinais de crise extraordinários. Os representados revêem-se cada vez menos nos seus representantes. Basta ver como a opinião pública europeia foi quase toda contra a invasão do Iraque em 2003. E, apesar de tudo, os governos democráticos alinharam com os EUA. Isso cria fissuras. A própria UE criou também um défice democrático de que estamos neste momento a ter todos os impactos negativos. Por vezes nem sabemos quem é realmente o culpado do que está a acontecer, se são os governos nacionais ou se é a UE, ou se é a Alemanha, ou se é a França.

### **Está a referir-se à política do défice e à crise financeira?**

Refiro-me ao défice democrático. Por um lado, obviamente que a Europa não é uma

Europa de estados. Por isso o Parlamento Europeu teve sempre uma estrutura secundária. Basta ver que não está nas notícias todos os dias pela sua influência na orientação das políticas europeias. Pelo contrário, está a Comissão e por vezes nem sequer é a Comissão, é a Alemanha. Quando se fizeram os tratados, em muitos países (entre os quais Portugal) houve muita aversão a que se fizessem referendos, com o temor de que a opinião pública entendesse mal o grande projecto europeu.

### **Em que medida se vê esse défice democrático?**

Não soubemos integrar a democracia representativa com formas de democracia participativa. Curiosamente, o Brasil, a Índia e outros países desenvolveram formas de democracia participativa, a nível municipal, por exemplo. Os cidadãos, não apenas de quatro em quatro anos, mas quotidianamente, de forma organizada, vão fazendo os chamados orçamentos participativos, trabalhando e colaborando nas políticas municipais, estaduais. É uma outra dimensão democrática. A Europa tem tudo a aprender com estas experiências.

### **Mas diz-se hoje na Europa que o multiculturalismo fracassou...**

A Europa está numa grande crise de identidade. É uma crise cultural da sua capacidade de continuar a dar luz ao mundo. Pelo contrário, entrou numa certa escuridão interna e busca ser iluminada por outras ex-



periências. É muito importante que a gente note isto, não para deitar para o lixo da História todas as conquistas e os progressos que houve, obviamente, nesta cultura, mas para a necessidade que ela tem de hoje ser mais humilde e saber que não está sozinha no mundo. Até porque, afinal, o resto do mundo também já está dentro da Europa. A Europa é hoje intercultural, mas não sabe resolver os problemas da interculturalidade. Temos afirmações completamente arbitrárias, como recentemente de Angela Merkel, no sentido de que o multiculturalismo tinha fracassado. Isto podia ser uma bomba incendiária se os cidadãos não estivessem agora mais preocupados com a crise económica e financeira. Há indícios perturbadores nos governos de extrema-direita na Holanda, na xenofobia na Itália, nas leis de imigração. Tudo isto é um barril de pólvora.

#### **Já houve aqueles motins em França, em 2005.**

Claro. De repente, a fragilidade da Europa teve manifestações muito dramáticas, porque globalmente a UE não tem um problema de dívida ou de défice, alguns dos seus países é que o têm. Essa crise não é financeira, é uma crise do próprio conceito de Europa, exactamente porque não há coesão. Os cidadãos da periferia europeia começam a ver que, no fundo, a UE foi um grande negócio para os países mais desenvolvidos. Os desequilíbrios financeiros dentro da União aumentam exactamente no momento em que o euro avança como moeda

única e ao mesmo em que se liberaliza o comércio com o tratado com a Organização Mundial do Comércio. Isso significou deixar cair os produtos tradicionais e em troca vender mais aviões e carros alemães para todo o mundo. Os países que não estavam nessa especialização iam sofrer. E assim foi.

#### **Há outra face dessa crise sobre a qual já se pronunciou: disse que a pressão que as agências de notação estão a exercer é um 'crime contra a humanidade'.**

As agências de notação, que são americanas, deviam estar proibidas de actuar dentro da Europa. Depois de elas não terem previsto de maneira nenhuma a crise financeira e de atribuírem a notação mais alta às empresas norte-americanas que estavam na bancarrota, perderam toda a credibilidade. Mas, estranhamente, continuaram a ter credibilidade na Europa e no mundo. Digamos o que dissermos, o euro estava a firmar-se com uma solidez que ameaçava o dólar. Por isso era muito importante fazer um ataque especulativo para mostrar que aqueles países que estavam a considerar pôr as suas divisas e os seus aforros em reserva do euro vissem que afinal o euro não era uma moeda tão estável quanto isso. Foram pelo elo mais fraco, que era a Grécia, que com a conivência da Goldman Sachs, tinha de facto driblado as autoridades da UE em termos de défice, o que não aconteceu com Portugal ou com a Irlanda. Nestes países os problemas foram diferentes.

#### **Mesmo assim, poderá ser considerado um crime contra a humanidade?**

É evidente que quando falo de crime contra a humanidade pode parecer uma coisa muito exagerada, mas quando olho para as consequências destas políticas a nível mundial, quais são os resultados? Os crimes contra a humanidade não são apenas aqueles que são cometidos pelos ditadores em guerras civis e em massacres. O próprio Banco Mundial, que muitas vezes parece uma organização revolucionária em alguns relatórios, como é que permite que a especulação sobre os bens alimentícios tenha lançado na pobreza 400 milhões de pessoas, de um momento para o outro? Não é só pobreza, é fome. Uma política deste tipo, com um mercado financeiro não regulado, ou regulado apenas pelas auto-regulações das agências de notação, produz consequências sociais destas. E nem são os mais críticos do capitalismo que dizem isto, são os relatórios do

Banco Mundial. Isto não é um crime contra a humanidade? É.

#### **Resta então a pergunta da praxe: como é que saímos disto?**

É evidente que Portugal não pode sair disto sozinho. Os países devedores deveriam criar uma maior capacidade de negociação junto da Europa e de outros países para dizer: 'Isto hoje acontece connosco, amanhã pode acontecer convosco'. Se a crise aqui, nesta periferia da Europa, se agravar, vai acabar por se repercutir na própria Alemanha e na França, que aliás já é um país muito devedor. Portanto, no interesse de todos, devem-nos dar condições para que nós possamos realmente desenvolver-nos economicamente. Para isso precisamos obviamente de ter alguma tolerância com os défices. Temos de encontrar formas para que estes países ou reduzam a sua dívida, ou que a paguem durante mais tempo, ou que paguem menos juros por ela. Isto até pode ser no interesse dos credores. A dívida da Grécia e da Irlanda, já é consensual para os grandes financiadores e credores, é impagável.

#### **Seguindo o seu raciocínio, o que poderia a Europa aprender com o resto do mundo a esse respeito?**

O que fez o Brasil? Dando muita atenção às exportações, quis criar um mercado interno. Articulou política económica com políticas sociais. Criou um mecanis-

mo extraordinário que foi o programa Bolsa Família – num momento em que houve uma crise e um abrandamento em 2008, havia um mercado interno alternativo que lhe serviu de almofada para a crise internacional.

#### **Mas o rumo político da Europa não parece ser esse.**

Precisamos de líderes que tenham visão estratégica, e não os temos porque o neoliberalismo destruiu as lideranças. Destruiu a esquerda, de facto. A esquerda não tem hoje uma alternativa. Sabemos que não há uma grande crise política neste momento em Portugal, porque sabe-se muito bem que, se for o PSD para o poder, vai fazer estas políticas, talvez acentuando-as aqui ou acolá. Por outro lado, se a gente diz que é um grande choque a entrada do FMI, basta olharmos para as políticas cegas que já se estão a fazer nos cortes das políticas sociais. Podemos dizer que o FMI já cá estava sem ninguém notar. ■